

## A divisão de Descartes e a possibilidade do sujeito do inconsciente

Fernanda Leite de Paula Machado

Em um dos sonhos de Descartes descritos por Maxime Leroy, o filósofo quer desesperadamente entrar em uma capela do célebre Collège Royal de La Flèche, onde estudara, mas não consegue. Surgem alguns transeuntes, Descartes tenta falar com eles e então uma brusca lufada de vento o carrega para dentro da capela. Sem saber ao certo se está dormindo ou acordado, Descartes interpreta o vento como o gênio maligno que o conduziu, à sua revelia, a um lugar para o qual ele tentava ir por decisão própria e com a ajuda, segundo ele, de Deus, para lá chegar. Seguindo a indicação de Freud, que fora solicitado por Leroy a examinar alguns sonhos de Descartes, como não dispomos de uma via que nos leve além da interpretação do sonhador, só nos resta aceitar a interpretação de Descartes.<sup>1</sup> No entanto, não podemos deixar de observar a divisão presente nesse pequeno fragmento de sonho e em alguns outros que foram descritos por Leroy. O gênio maligno o conduz até a capela, contra a sua vontade. Capela para onde estava indo por iniciativa própria, mas conduzido por Deus em seus primeiros passos.

Em outro fragmento, um homem o obriga a ler um trecho do poeta romano da Antiguidade Tardia, Ausônio, que começa com a seguinte frase: “É e não é.” É também dividido, “semiacordado”, como afirma Leroy, que Descartes dá sua interpretação do sonho. Repetidamente ele se pergunta se dorme ou se está acordado. Leroy chega a descrever desta forma: “o Sr. Descartes, continuando a interpretar o sonho enquanto dormia (...)”. Já sabíamos que Descartes tinha acesso a possibilidade de indiferenciação entre o sono e a vigília, como revela sua hipótese do sonho, formulada na Primeira Meditação, para justificar seu método de não poder se fiar no mundo sensível: “(...) não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo”<sup>2</sup>. Esse será nosso ponto de partida aqui. Descartes “semiacordado” - ou Descartes sendo forçado pelo gênio maligno a entrar na casa de Deus.

---

<sup>1</sup> FREUD, S. *Carta sobre alguns sonhos de Descartes*. 1929.

<sup>2</sup> DESCARTES, R. *Méditations*. In: *Oeuvres et Lettres*. Bibliothèque de La Pléiade. Paris: Gallimard, 1953, p. 269.

Ou, como podemos ler na Meditação Segunda, o Descartes que subitamente cai em águas muito profundas, sem poder nem firmar seus pés no fundo, nem nadar para se manter à tona.<sup>3</sup> Ou mesmo o Descartes que afirma, no que diz respeito à dificuldade do método que impôs a si mesmo:

(...) uma certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e temo despertar dessa sonolência, por medo de que as vigílias laboriosas que sucederiam à tranquilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma clareza e alguma luz no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas.<sup>4</sup>

Ou, ainda, o Descartes que, na busca de um caminho seguro em direção à verdade, recusa ser um “homem de letras em seu gabinete, servindo-se de especulações que não produzem efeito algum”, e se aventura no “grande livro do mundo”.<sup>5</sup> Em última instância, a divisão de Descartes, esse é nosso ponto de partida.

Descartes se impõe a disciplina, o rigor, de tomar como falso tudo o que ele não puder demonstrar ser verdadeiro. E, embora longe de ser um iconoclasta, através desse ato, ele coloca em questão todo o saber da tradição. No seminário sobre os conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan utiliza a palavra “ascese” para falar da certeza com a qual Descartes se encontra, e observa que ela deve ser repetida a cada vez, que não está garantida de uma vez por todas. Talvez possamos utilizar essa mesma palavra para dizer desse método ao qual Descartes se submete e que fora imposto por ele mesmo. Descartes anuncia seu método da seguinte forma, na Primeira Meditação:

Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que me proporcionei um repouso assegurado em uma pacífica solidão, eu me dedicarei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse propósito, provar que elas são todas falsas, o que talvez eu nunca conseguisse levar a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente me impedir de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 274.

<sup>4</sup> Ibid., pp. 272-3.

<sup>5</sup> Id. Discours de la méthode, p. 131.

para duvidar que eu nelas encontrar, bastará para me fazer rejeitar todas. E, para isso, não é necessário que eu examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, porque a ruína dos fundamentos leva consigo todo o resto do edifício, irei me dedicar primeiro aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.<sup>6</sup>

O primeiro tempo da meditação cartesiana guarda a presença inevitável da divisão, na medida em que se caracteriza como esse tempo de transição e de suspensão. No seminário *L'Identification*, Lacan fala do caráter evanescente do *je* inaugurado por Descartes: “Uma forma de articular essa vacilação do *je* e a que nos leva mais perto da *démarche* cartesiana é constatarmos justamente o caráter propriamente evanescente desse *je*, nos fazer ver que o verdadeiro sentido da primeira *démarche* cartesiana é se articular como um *penso e não sou*”.<sup>7</sup>

Esse momento de suspensão parece durar mais ou menos até o começo da Meditação Segunda, quando é então interrompido pelo alcance da certeza engendrada pelo *cogito*<sup>8</sup>, mas fundamentalmente pela garantia de que Deus é bom e veraz, presente na Meditação Terceira. Como observa Lacan, “É certo que o fato de conferir a Deus ser causa de si dissipou por aí toda a ambiguidade do Cogito”<sup>9</sup>.

No entanto, é possível observar que também o Deus de Descartes não pôde escapar de uma certa ambiguidade. Essa dimensão já estava presente em um dos sonhos aqui mencionados – é através do gênio maligno que Descartes vai ao encontro de Deus. Como diz Lacan, ele “inaugura as bases de partida de uma ciência com a qual Deus nada tem a ver”<sup>10</sup>. Há uma ruptura em relação ao Deus da tradição medieval, na medida em que o Deus de Descartes parece, de certo modo, se confundir com a própria razão, e de uma maneira bastante peculiar. “Vocês sabem que Descartes não pôde senão reintroduzir a presença de Deus. Mas de que maneira singular!”<sup>11</sup>

Na carta dirigida aos “Deão e Doutores da Sagrada Faculdade de Teologia de Paris”, que precede as *Meditações*, Descartes afirma pretender provar aos infiéis a existência de Deus “pela razão natural”. Para os fiéis – e ele se inclui aí –, a fé seria suficiente:

---

<sup>6</sup> Id. *Méditations*, p. 267.

<sup>7</sup> LACAN, J. *L'Identification*. Leçon du 22 novembre 1961.

<sup>8</sup> O *cogito* propriamente dito (*cogito ergo sum*) tem sua ocorrência na quarta parte do *Discurso do método*. Na *Méditation Seconde*, tem-se o enunciado “Je suis, j'existe”.

<sup>9</sup> LACAN, J. *L'acte psychanalytique*. Leçon du 10 janvier 1968.

<sup>10</sup> Id. *Les fondements de la psychanalyse*. Leçon du 3 juin 1964.

<sup>11</sup> Ibid.

(...) pois ainda que nos seja suficiente, a nós que somos fiéis, acreditar pela fé que há um Deus e que a alma humana não morre com o corpo, certamente não parece possível poder jamais persuadir os infiéis de religião alguma, nem quase mesmo de nenhuma virtude moral, se primeiramente não se lhes provar essas duas coisas pela razão natural.<sup>12</sup>

As *Meditações* têm por objetivo provar a existência de Deus e da imortalidade da alma, ou seja, carregam consigo ainda algo próprio à tradição que formou Descartes. Ele não pode evitar a ocorrência simultânea de Deus e da razão em seu discurso, talvez justamente por estar nesse momento de transição e, portanto, de uma certa suspensão. Como adverte Heidegger em seu curso sobre Nietzsche de 1961, onde dedica boa parte de suas reflexões a Descartes, “o modo de uma tal transformação encerra em si o fato de essa transformação ainda transcorrer multiplamente na ‘linguagem’ e nas representações daquilo que é abandonado na transformação”.<sup>13</sup> Certo tipo de linguagem é ainda necessário e até mesmo inevitável para Descartes, pois é de dentro do mundo medieval-escolástico que ele rompe com este mundo. Aliás, é por isso mesmo que se trata efetivamente de um corte, pois Descartes não está fora. É de dentro que pode haver corte. A topologia lacaniana nos lembra, aliás, que não há um “fora”. Talvez somente uma abordagem topológica possa dar conta desse movimento complexo de Descartes. É ainda no âmbito de alguma “fé” que advém a possibilidade de a existência de Deus ser apreendida pela razão e, mais do que isso, de Deus estar de algum modo confundido com a própria razão. Para Descartes, a ideia de Deus é a mais clara, a mais distinta e a mais simples porque é a mais fundamental, sustentando, assim, todo o pensamento e toda a compreensibilidade.

No seminário *A constituição onto-teo-lógica da metafísica*, Heidegger afirma que, diante do Deus da filosofia, que é o Deus pensado como causa de si e de tudo, “*não pode o homem nem rezar nem sacrificar (...) não pode o homem nem cair de joelhos por temor nem pode, diante deste Deus, tocar música e dançar*”<sup>14</sup>. Parece ser esse Deus que está em jogo no pensamento cartesiano, porquanto as meditações cartesianas pretendem provar aquilo que não pode e nem precisa ser provado pela fé. O Deus dos filósofos é um Deus inteligível e demonstrável racionalmente, e também um Deus que é a causa última

---

<sup>12</sup> DESCARTES, R. Op. cit., p.257.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, M. *Nietzsche II*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 105-6.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, M. *A constituição onto-teo-lógica da metafísica*. Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p. 199. (Coleção Os Pensadores, Heidegger).

da realidade. De certo modo, algo desse Deus já estava presente mesmo antes de Descartes. Para São Tomás de Aquino, por exemplo, embora não possamos conhecer Deus em sua essência, a existência de Deus pode ser demonstrada racionalmente através de seus efeitos. Toda a realidade é, segundo ele, criação divina - é um efeito, portanto, da existência de Deus. Apesar de não ser possível conhecer Deus diretamente, podemos conhecê-lo através dessa realidade, isto é, do mundo sensível, que é Sua obra. Esse Deus é a causa primordial e inteligente de tudo o que há, e uma argumentação sistemática e racional prova a Sua existência. Mas, para Descartes, diferentemente de São Tomás, a existência de Deus não pode ser indicada por esse mundo sensível. Não obstante essa diferença, a compreensão de Deus como criador, como fundamento de toda a compreensibilidade, e como sendo demonstrável racionalmente, permanecem no sistema cartesiano, ainda que de um modo inteiramente novo – e ambíguo. Ambíguo porque, talvez sem saber, Descartes esvazia o céu. Como observa Lacan no seminário *L'Identification*:

(...) não foi ele [o Deus de Descartes] que inventou o transfinito de Cantor, fomos nós. É por isso que a história nos testemunha que os grandes matemáticos que abriram esse para além da lógica divina, Euler o primeiro, tiveram muito medo. Eles sabiam o que estavam fazendo. Eles encontraram não o vazio da extensão (...), mas o vazio do Outro, lugar infinitamente mais temível, pois aí é preciso algum Um [quelqu'Un].<sup>15</sup>

A partir do passo de Descartes, e sem que este o saiba explicitamente, emergem o vazio do Outro e um sujeito.

Em diversas obras (*Nietzsche II, Que é uma coisa?* e *A época da imagem de mundo*), Heidegger indica que a palavra *subjectum* (sujeito) é a tradução latina para o termo grego *hypokéimenon*, que quer dizer “fundamento”, “substância singular”, “aquilo que reúne tudo sobre si”, “aquilo que subjaz”. Na Antiguidade, o *hypokéimenon*, o fundamento, designava todos os entes: plantas, animais, pedras. Todo ente era “sujeito”. Originariamente, portanto, o termo “sujeito” não guarda relação necessária com o “eu”. É com Descartes que o “sujeito” passa a ser o “je” - denominado por Descartes também como “alma”, “espírito”, “razão” –, passa a ser aquilo sobre o que tudo se funda. Como corolário, essa guinada empreendida por Descartes dá lugar a uma relação “sujeito-

---

<sup>15</sup> LACAN, J. *L'Identification*. Leçon du 17 janvier 1962.

objeto”. Os entes passam a ser objetos da representação, objetos para um sujeito, a partir de um sujeito. “Até Descartes, tinha valor de ‘sujeito’ qualquer coisa que subsistisse por si mesma; mas agora o ‘eu’ torna-se um sujeito peculiar, um sujeito em relação ao qual todas as outras coisas se determinam agora como tais”<sup>16</sup>.

Com a formulação cartesiana, a razão - mais do que simplesmente “o homem” - passa a ser o centro, passa a ser o fundamento. Há, com isso, um deslocamento importante de Deus. Heidegger chega mesmo a dizer que a tarefa de Descartes foi “fundar o fundamento metafísico da liberação do homem para o cerne da nova liberdade como a autolegislação segura de si mesma”<sup>17</sup>. A certeza do “penso, logo sou” forja o fundamento dessa liberdade, como autodeterminação insistente de si mesma.

O homem então se retira da submissão completa ao discurso religioso e se torna, com Descartes, aquele que se submete a si mesmo, que busca por si mesmo a verdade e que passa a ocupar o lugar de fundamento. Foi preciso que fosse inaugurado um campo onde passou a ser possível levantar questões, fazer perguntas, duvidar, enfim, onde parecia não haver qualquer necessidade disso, pois, uma vez que havia um terreno em que a verdade já estava estabelecida, não era preciso procurá-la, buscá-la. É por isso que Heidegger afirma que, a rigor, não há “filosofia medieval”, já que “o filosofar propriamente dito enquanto o perguntar humano plenamente livre não é possível para a Idade Média”<sup>18</sup>. Foi preciso que o homem saísse desse lugar de submissão e viesse a ocupar um lugar de domínio, controle, poder e de autoasseguramento de si para, então, a psicanálise surgir com Freud e constatar que esse mesmo homem que se acredita senhor de si, é determinado pelo inconsciente. É o próprio Lacan quem disse que foi preciso ter havido o sujeito cartesiano para que, em outro momento, o campo freudiano pudesse emergir.<sup>19</sup> Descartes como condição de possibilidade para a emergência da psicanálise. No seminário *Problemas cruciais para a psicanálise*, Lacan marca que nesse ponto inaugural de Descartes “algo é fundamentalmente desconhecido, do qual o retorno constitui a essência da descoberta freudiana”<sup>20</sup>.

Lacan vai ainda mais longe, ao afirmar o seguinte: “Que o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo, isso, não pensem que não tenha sido anunciado de

---

<sup>16</sup> HEIDEGGER, M. *Que é uma coisa?* Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 108.

<sup>17</sup> Id. *Nietzsche II*, p. 108.

<sup>18</sup> Id. *Die Grundbegriffe der Metaphysik*, p. 68.

<sup>19</sup> LACAN, J. *Les fondements de la psychanalyse*. Leçon du 5 février 1964.

<sup>20</sup> Id. *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*. Leçon du 16 juin 1965.

uma certa forma, senão pelos poetas e por Rimbaud que, de um certo modo, também já não se encontrava em alguma parte à margem da intuição cartesiana fundamental do penso, logo sou”<sup>21</sup>. Ou seja, esse descentramento do sujeito em relação ao indivíduo já estaria presente, de alguma forma, no *cogito* cartesiano, na sentença que inaugura o sujeito da razão e da certeza. O sujeito cartesiano, portanto, é, de saída, dividido.

A classificação de Descartes como mero filósofo do sujeito da certeza, do método e da consciência não se sustenta diante da complexidade com a qual nos encontramos ao ler sua obra e, mais ainda, ao ler sua obra a partir da psicanálise. É com a psicologia que a história do pensamento teve uma recaída, ao tomar esse eu do *cogito* pela representação do “homúnculo”, pelo mero sujeito da consciência.<sup>22</sup> Não é incomum utilizarmos o epíteto de “cartesiano”, seja de modo pejorativo ou não. Mas Lacan nos diz que “Se vocês dizem eu sou cartesiano é, na maioria dos casos, que vocês não sacam nada do que disse o sr. Descartes, porque provavelmente jamais o abriram”.<sup>23</sup>

Longe da reducionista classificação de Descartes como um filósofo da consciência, a complexidade e a divisão que podem emergir a partir de uma certa leitura de sua obra produzem, ao contrário, uma abertura. Em *R.S.I.*, Lacan chega a dizer que o “je pense” simula um furo, pois Descartes esvazia esse “je pense”. E acrescenta: “Para que algo ek-sista, é preciso que tenha havido um furo em algum lugar. (...) Seguramente, esses furos, nós os temos aqui no centro de cada uma dessas rodela, já que, sem esse furo, não seria nem pensável que algo se enode”<sup>24</sup>. O acontecimento Descartes – que, como sabemos, não teria podido se dar sem o advento de outros acontecimentos como o humanismo do Renascimento (séc. XV), a Reforma Protestante (séc. XVI) e a Revolução Científica (séc. XVII)<sup>25</sup> – produziu o furo que permitiu a emergência do “*cogito* freudiano” – *Desidero*<sup>26</sup>.

---

<sup>21</sup> Id. *Le Moi dans la theorie Freudienne et dans la technique de la psychanalyse*. Leçon du 17 novembre 1954.

<sup>22</sup> Id. *Les fondements de la psychanalyse*. Leçon du 22 avril 1964.

<sup>23</sup> Id. *Les psychoses*. Leçon du 13 juin 1956.

<sup>24</sup> Id. *R.S.I.* Leçon du 17 décembre 1974.

<sup>25</sup> Outros eventos históricos não devem, contudo, ser ignorados, como a descoberta do Novo Mundo (1492), o desenvolvimento do mercantilismo como novo modelo econômico que supera progressivamente a economia feudal, e a emergência e consolidação dos Estados Nacionais (Espanha e Portugal, Países Baixos, Inglaterra e França), que substituem o modelo político do feudalismo.

<sup>26</sup> LACAN, J. *Les fondements de la psychanalyse*. Leçon du 29 avril 1964.